

A conferência mais recente do Reitor Guerra

por John Vennari

Ligada à futura inauguração da nova basílica de cimento em Fátima ([ver mais adiante](#)), que está prevista para 2007, teve lugar em Fátima uma conferência especial no fim de semana da trasladação da Irmã Lúcia, 17 e 18 de Fevereiro. Intitulava-se “O Santuário — Iniciativa divina a favor do Homem,” e fora organizada pelo Reitor Guerra.

Era um evento de Sexta-feira à tarde e todo o Sábado, com uns oito oradores. Estive presente a parte dele, e um colaborador de fala portuguesa assistiu a todo o acontecimento.

A finalidade aparente da conferência era aumentar o número de voluntários no Santuário; tanto para as estruturas existentes como para quando abrir a nova igreja. Não foi um acontecimento inter-religioso, e por isso não teve os disparates interconfessionais que pululavam no Congresso de Fátima de 2003, a que eu assisti.¹ Parte do que foi dito era interessante e edificante. Outras declarações eram perturbantes.

No lado positivo, soubemos que 90% dos peregrinos que vão a Fátima são portugueses, e 10% são estrangeiros. Ficámos também a saber que ainda há muitos peregrinos que vão a Fátima a pé.

O Bispo D. Augusto César, de que até ali eu nada sabia, disse que a Eucaristia é o fulcro das Aparições, que os peregrinos deviam voltar para casa espiritualmente mudados, que deviam ir ao Santuário em busca de silêncio, e que o Santuário não é um lugar de diversão. Também falou da dedicação dos três pastorinhos de Fátima à conversão dos pecadores.

De facto, um outro orador até falou do pecado como uma ofensa contra Deus, em vez de ser algo que meramente degrada a dignidade inerente à pessoa humana, como está actualmente na moda humanística. Também falou da fórmula tradicional “A Jesus por Maria.”

Os erros de Frei Lopes

Infelizmente, também houve oradores que disseram coisas que deram causa a alguma perturbação. Frei Joaquim Lopes Morgado, OFM, por exemplo, fez uma alocução em que procurava encontrar nas Escrituras uma base para um sistema de pensamento relativo ao acolhimento e hospitalidade no Santuário (o seu tema). Durante a sua apresentação, tentou justificar uma abordagem inter-religiosa, dizendo que, assim como Cristo comia com os gentios, assim as nossas igrejas podem dar hospitalidade a quem não pertencer à religião católica.

Esta declaração engana e parece que enferma de uma falsa de precisão deliberada. Por um lado, nenhuma igreja católica ou santuário fecha as portas a um não-Católico que quiser entrar para observar cerimónias católicas, ver o interior da igreja, ou fazer uma oração em privado. Mas a Igreja Católica proibiu sempre que se abrisse as portas a não-Católicos para fazerem as suas cerimónias, ou para um retiro de ministros anglicanos, ou para qualquer género de serviço cultural não-católico, como o que os Hindus fizeram no Santuário. A Igreja também proibiu que se fizesse uma reunião em que Católicos rezassem em público juntamente com não-Católicos.

A razão por a Igreja assim ter sempre feito não é meramente disciplinar, para poder mudar legitimamente de tempos a tempos. É antes porque a Igreja Católica é a única religião verdadeira, revelada por Deus, e por isso não pode ser colocada ao mesmo nível das religiões falsas e inventadas pelos homens.

Por exemplo, o Papa Leão XIII ensinou na sua encíclica *Libertas* que é “contrário à razão que a verdade e o erro tenham direitos iguais.” Ora o ecumenismo considera o erro e a verdade como “parceiros iguais no diálogo”, como o Padre modernista Jacques Dupuis disse no Congresso inter-religioso de Fátima, organizado pelo Reitor Guerra em Outubro de 2003.

O Papa Leão XIII disse ainda, na sua encíclica *Immortale Dei*, que é “ilícito colocar as várias formas de culto divino ao mesmo nível da religião verdadeira.” Dentro da mesma orientação, o Papa Pio XI, na sua encíclica *Quas primas*, lamentou o facto de os Governos terem colocado “a religião verdadeira de Cristo ao mesmo nível das falsas religiões e, ignominiosamente, na mesma categoria delas.” Se é mau os Governos adoptarem este indiferentismo, não será pior quando tal ocorre através de iniciativas ecuménicas e inter-religiosas em igrejas católicas ou em propriedade católica?

Basílica



Prisão



(À esquerda) A horrível basílica modernista de cimento em Fátima, já quase completa, parece mais uma prisão de alta segurança do que uma igreja. O edifício que vemos à direita é uma prisão situada perto do convento da Irmã Lúcia em Coimbra. É uma ironia dolorosa vermos uma prisão que parece uma igreja, enquanto que a nova “igreja” do Reitor Guerra parece uma prisão.

Nosso Senhor morreu na Cruz, derramando até ao fim o Seu Preciosíssimo Sangue, para criar a Igreja Católica, e só ela, com a sua estrutura hierárquica e os seus sete Sacramentos. Todas as outras religiões não são apenas bons sistemas mas *menos perfeitos* do que o Catolicismo. São antes religiões falsificadas, ou seja, são falsas religiões que dão a falsa impressão de que conduzem as pessoas a Deus e à salvação. Estas falsas religiões estão erguidas contra a vontade manifesta de Cristo, independentemente das intenções subjectivas dos seus membros.

No momento em que a Igreja Católica abre as portas a membros de falsas religiões para rezarem em público dentro dos seus muros, está a dar a falsa impressão de que estas religiões chegam para a salvação, e que, portanto, os membros destas falsas religiões não precisam de se converter à única Igreja verdadeira, que Cristo estabeleceu para a salvação. As actuais actividades inter-religiosas opõem-se completamente ao dogma infalível da Igreja Católica, definido no Concílio de Florença, e em que todos os Católicos devem acreditar como parte da sua Fé e de origem divina:

“A Santíssima Igreja Romana crê firmemente, professa e prega que nenhum dos que existem fora da Igreja Católica, não só pagãos como também judeus, heréticos e cismáticos, poderá ter parte na vida eterna; mas que irão para o fogo eterno

que foi preparado para o demónio e os seus anjos, a não ser que a ela se unam antes de morrer; e que a unidade deste corpo eclesiástico é tão importante que só aqueles que se conservarem dentro desta unidade podem aproveitar-se dos sacramentos da Igreja para a sua salvação, e apenas eles podem receber uma recompensa eterna pelos seus jejuns, pelas suas esmolas, pelas suas outras obras de piedade cristã e pelos deveres de um soldado cristão. Ninguém, por mais esmolas que dê, ninguém, mesmo que derrame o seu sangue pelo Nome de Cristo, pode salvar-se, a não ser que permaneça no seio e na unidade da Igreja Católica.”²

Da mesma maneira, o Beato Papa Pio IX, fiel à doutrina católica perene, ensinou no seu *Syllabus de Erros* que é um erro acreditar que “o Protestantismo não é mais que outra forma da mesma verdadeira religião cristã.” Mas o ecumenismo de hoje trata efectivamente o Protestantismo como nada mais do que outra forma da mesma verdadeira religião cristã, o que é exactamente o erro que o Beato Papa Pio IX justamente condenou.

O ecumenismo e as práticas inter-religiosas, hoje defendidas em Fátima, são portanto contrários aos claros ensinamentos papais que condenaram tais actividades através dos séculos (veja-se a encíclica *Mortalium Animos*, do Papa Pio XI), e são terreno onde proliferam os escândalos e a heresia do indiferentismo religioso, que foi sempre condenada pelos Papas.

Mais falsidades

Frei Lopes também deu voz a outro erro. Disse que a Bíblia no seu quarto tinha tanto a presença de Deus como a Eucaristia tem a presença de Deus na igreja.

Isto é manifestamente falso, porque é apenas na Sagrada Eucaristia que Jesus Cristo está presente sacramentalmente, Corpo, Sangue, Alma e Divindade. Não existe uma Presença Real transsubstanciada de Jesus Cristo na Bíblia. Não colocamos a Bíblia numa custódia para dar a bênção. Não precisamos de mãos consagradas para segurar nas Escrituras, tal como só as mãos consagradas do sacerdote têm o direito de tocar na Hóstia Consagrada. Nossa Senhora de Fátima não ensinou aos três pastorinhos: “Meu Deus, meu Deus, adoro-Vos na Bíblia”. Não, ensinou-lhes a dizer: “Meu Deus, meu Deus, adoro-Vos no Santíssimo Sacramento”. O Anjo de Fátima falou do Santíssimo Sacramento como sendo o Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente nos sacrários de todo o mundo.

Mas Frei Lopes estava simplesmente a repetir um erro que muitos de nós temos ouvido desde o Vaticano II, uma espécie de “igualização da presença de Deus” na Eucaristia, na Bíblia e (embora Frei Lopes não o dissesse) na assembleia. Esta falsa igualização tripla é essencialmente um conceito protestante que tem sido aceite por demasiados Católicos.

Ninguém no Congresso, incluindo o Reitor Guerra, corrigiu estas declarações erróneas. Deixaram-nas ser absorvidas sem contradição pelas 200 e tal pessoas presentes, na sua maioria leigos.

De qualquer maneira, a finalidade da Conferência, como já dissemos, era pedir mais voluntários para o Santuário, e anunciar um curso alargado de treino, com a duração de três meses, sobre como acolher pessoas no Santuário. A natureza exacta do que este treino alargado vai ser ainda não foi explicada.

Mas quando nos lembramos da suposta hospitalidade que o Reitor Guerra deu aos 3.000 Católicos da Peregrinação de reparação de Agosto passado (veja “Drama em Fátima”), enviando freiras para interromper as suas orações com cânticos e tentando levar os Católicos a parar de rezar e

deixar a esplanada, tocando música em altos gritos pelos altifalantes do Santuário, ficamos a pensar que género de treino de hospitalidade estes voluntários irão receber.

Notas:

1. Ver “[Fátima Irá Tornar-se Num Santuário Interconfessional? Um relato de alguém que esteve lá,](#)” J. Vennari, *The Fatima Crusader*, Nº 75, Inverno de 2004.
2. Papa Eugénio IV, Bula *Cantate Domino*, 1441 [Concílio de Florença], Denzinger 714.